

A Sombra nas narrativas maravilhosas: breves reflexões

"Talvez todos os dragões desta vida sejam princesas à espera de ver-nos, belos e bravos. Talvez o horror seja apenas, no mais fundo do seu ser, algo que precisa do nosso amor."

Rainer Maria Rilke

Por mais que pretendamos negar, todos temos luz e sombra dentro de nós, clarões e trevas, quer dizer, todos somos irremediavelmente imperfeitos. Todavia, muito dificilmente aceitamos tudo aquilo que, menos bom ou até mau, faz parte da nossa humanidade – a nossa agressividade e ira, as nossas frustrações e vergonhas, as nossas dores e culpas. Mas é, como iremos ver, por teirmos em não incorporar esse lado sombrio na vida consciente, por nos recusarmos a vê-lo (enfrentando-o, compreendendo-o, integrando-o e, finalmente, verticalizando-o) que ele se torna um obstáculo irremediável à nossa paz física e espiritual¹. É verdade que olhar para dentro de nós exige não só uma grande atenção mas sobretudo uma certa coragem – nada menos do que uma radical mudança nas nossas atitudes diante da vida e da nossa psique.

Estamos tão viciados em olhar para fora de nós que perdemos, quase na totalidade, o contacto com a nossa vida mais interior. Deixámo-la, à interioridade, ao silêncio e à solidão, para os contos de fadas em que a heroína, por exemplo, espera sete ou cem anos, qual *Belle au bois dormant*² para ser despertada por um príncipe valente que não teme dragões e monstros semelhantes. Ficamos aterrorizados ao olharmos para dentro de nós, e sobretudo porque a unilateralidade asfixiante da nossa civilização³ nem sequer nos deu a menor ideia do que iremos encontrar, apostrofando de infantis, incongruentes, obsoletos e desprovidos de qualquer sentido os conto de encantar, os mitos, as lendas, o universo onírico que vivenciam, cada qual a seu modo, a energia do micro e do macrocosmos, moldada e êncarnada pelo inconsciente individual e colectivo, mas quase sempre ignorada pela consciência do indivíduo que, porque “culto” e “racional” se esquiva a qualquer compromisso ou tão somente a todo o diálogo com as suas potencialidades internas. **Não exclamava Rilke: “Ó**

**deuses, deuses! / que antes vinham tão amiúde e estão imóveis.
/ adormecidos nas Coisas à nossa volta ... / Que mais uma vez
possa ser vossa a manhã, deuses.”⁴**

Não é, afinal, por não ter sabido obedecer aos avisos constantes da mãe que, *Petit Chaperon Rouge*⁵ acaba engolida pelo lobo, reconhecendo nós ainda hoje que a versão de Perrault encerra, em termos simbólicos, um aviso a que saibamos – crianças e adultos – lidar com o mal, prestando atenção ao perigo que jaz, sob a forma de pulsões instintivas desconcertantes (porque não conhecidas), no âmago de cada um de nós? E não é pela sua cupidez e vãs fantasias que *Jean l'Or*,⁶ “paysan misérable affamé de richesse” tem de enfrentar, na sua opção pelo diabo, “le temps des douleurs désespérantes”?

Numa percepção crescente da dimensão arquetípica da vida de cada ser, a análise junguiana vê na *sombra* – juntamente com o *Self* (o “Si-Mesmo”, o centro psicológico do ser humano, a totalidade psíquica do indivíduo) e com o par *anima/animus*⁸ (respectivamente as imagens interiorizadas dos paradigmas do Eterno Feminino e do Eterno Masculino em cada um dos sexos opostos) um dos principais arquétipos do inconsciente pessoal e/ou colectivo, parecendo-nos sensato recordar que a psicologia das profundidades vê os arquétipos enquanto estruturas inatas e herdadas que preenchem o inconsciente, espécie de “impressões digitais” psicológicas contendo características formadas de antemão, qualidades pessoais e traços partilhados com todos os outros seres humanos. Daí que tais forças psíquicas vivas dentro da psique do homem tenham, desde sempre, encontrado nos mitos, as suas representações arquetípicas, corporificando-se nos deuses que a humanidade compreendeu enquanto metáforas do comportamento arquetipal⁹.

Somos, muitas vezes, assediados por estados e emoções que despertam em nós impulsos, sentimentos, pensamentos e imagens que se nos afiguram completamente estranhos. Com frequência, tais emoções são diametralmente opostas aos nossos pontos de vista ou intenções, de tal forma que dão a impressão de se tratar de nítidas manifestações de um ser com existência própria, bem diferente de nós. Quando S. Paulo diz **“O bem que eu quero, este eu não faço, mas o mal que eu não quero, este eu faço”** (Romanos, 7, 19), está a expressar a mesma experiência que diariamente e nem sempre conscientemente vivemos, experiência essa que nos leva a ver e sentir

em nós uma vontade estranha que faz o oposto daquilo que queremos ou aprovamos, um *Outro* diferente, que, surpreendentemente, se faz valer por si mesmo, com uma vontade, opiniões, e actuações próprias, *Outro* esse que acaba por nos possuir sem mesmo disso nos darmos conta.

Num belo conto da região de Lorraine intitulado “Le petit jardinier aux cheveux d’or ou Jean le Teigneux”¹⁰ é o *mito do duplo*¹¹ que serve, como em inúmeras outras narrativas maravilhosas, o confronto com a complexidade e a ambiguidade presentes em cada ser humano. Desprezado, ostracizado, hostilizado pelo rei e cunhados, o futuro herói é obrigado a confrontar-se neles com a própria sombra, aceitando não só a responsabilidade de um desenvolvimento pessoal que passa pela “crucifixão” mas ainda mostrando-se capaz de tolerar e integrar – nas sucessivas provas iniciáticas – a ambiguidade que parece sempre acompanhar toda a responsabilidade espiritual. Poderosas e incontáveis são as armadilhas que nos impedem de descobrir a nossa verdadeira natureza. E a maior, paradoxalmente, existe em nós, somos nós próprios a alimentá-la.

Em finais do século XIX, mais de uma década antes de Freud sondar as profundezas da escuridão humana, Robert Louis Stevenson teve um estranho e eloquente sonho: um homem, perseguido por um crime, engolia um certo pó e passava por uma drástica mudança de carácter, tão drástica que se tornava irreconhecível. O gentil e pacato cientista Dr. Jekyll transformava-se no iracundo e destruidor Mr. Hyde, cuja maldade ia assumindo proporções cada vez maiores à medida que o sonho se desenrolava. Estava assim criada a trama do famoso romance *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, cuja tema, perfeitamente integrado na cultura popular, mais não faz que responder a um arquétipo que reside em cada um de nós e que é, por conseguinte, universal. Conhecido por muitos nomes – o “eu” reprimido, o “self” inferior, o gêmeo (ou irmã/irmã) escuro dos *mitos* e das *lendas*, o *duplo* dos contos maravilhosos, o “eu” rejeitado, o “alter-ego”, o “id”, a *Sombra* que possuímos ou que nos possui é, por definição, inconsciente, e quase sempre se manifesta – e disso nos falam invariavelmente as narrativas folclóricas e tradicionais – na impossibilidade que sente o indivíduo de controlar as suas próprias emoções e, concomitantemente, no perigo que encerra o carácter contagioso dessas mesmas pulsões emotivas. Um conto bretão *Barbe-Blue*¹² fala

precisamente desses impulsos que, desde sempre reprimidos, camuflados e disfarçados sob a máscara de uma aparência socialmente correcta e cordata, se apoderam do ser humano, acabando por se exprimir numa agressividade incontrolável que expulsa, de Barba-Azul, qualquer tipo de objectividade e de reacção humana normal.

Cada um de nós contém pois um Dr. Jekyll e um Dr. Hyde: uma “persona”¹³ agradável para o uso quotidiano e um “eu” oculto e amordaçado, nocturno, que permanece escondido a maior parte da nossa vida e que só irrompe quando a “máscara” cai: emoções e comportamentos negativos – cobiça, inveja, raiva, concupiscência, desonestidade, vaidade, arrogância, orgulho, ressentimento, tendências suicidas e homicidas, instintos masoquistas e sádicos – ficam “prudentemente” escondidos logo por baixo da superfície, disfarçados pelo nosso eu mais apropriado às conveniências. No seu conjunto, são conhecidos na psicologia como a *sombra pessoal* que permanece, ainda hoje, um território indomado e inexplorado para a maior parte de nós. Imaginamos, tal como o lenhador de *Le Serpent au diamant*¹⁴ que a luz intensa de um diamante cobiçado e roubado nos irá trazer o poder, esquecendo que a sombra ignorada nos apunhala pelas costas, qual mito do rei Midas, cujo desejo desmedido de tudo transformar em ouro se volta contra ele próprio, numa auto-imolação estéril e fatal: **“Sachez donc que quelque part, un diamant brille sur la tête d’un serpent fabuleux. Si vous voulez le conquérir, le risque est grand de périr dans l’aventure. Le risque est aussi grand de vaincre. Il n’est de paix que dans la vie simple. Mais rares sont les vivants qui désirent vraiment la paix.”**

O confronto com os nossos demónios e fantasmas, a luta contra o diabo, a descida aos infernos, o combate contra a escuridão que se transforma já não em fascínio pela Luz mas obsessão de toda e qualquer maldição, o frente a frente com o oposto, quantas vias que nos ensinam, nas narrativas maravilhosas, a olhar nos olhos uma arrogância psicológica e espiritual que sempre acreditou numa protecção contra o sofrimento e na disciplina do auto-controle: agindo tal qual um sistema imunológico de carácter psíquico, definindo o que é o eu e o que é não-eu, a *sombra* forma-se e alimenta-se de sentimentos e capacidades que são rejeitados pelo ego e que, uma vez reprimidos, dão vida ao poder oculto do lado escuro da natureza humana.¹⁵

Muitas são as forças que estão em jogo na formação da *sombra*

peçoal e que determinam, sem que o apercebamos, o que pode ou não ser expresso. O “*environnement*” familiar e social diz-nos o que é um comportamento conveniente – gentil, moral, adequado – e o que é mesquinho, vergonhoso e até mesmo pecaminoso: aprendemos a “disciplinar” e a negar os impulsos mais escuros dentro de nós, reprimindo-os e recalçando-os e por isso, em vez de os olharmos e compreendermos, somos por eles dominados. Imaginamos o nosso pior inimigo à nossa frente e, no entanto, o inimigo está dentro de nós mesmos – no anseio letal pelo abismo personificado no conto *Le Prince Anneau*¹⁶ pelo intendente e ministro Rauter que, invejoso e desonesto, convence o rei a multiplicar os trabalhos hercúleos que porão à prova o príncipe, esperando assim impedir a união com a herdeira do reino; nas múltiplas tendência regressivas que recusam o nosso amadurecimento psicológico e que lutam, a qualquer preço, por conservar em cada um de nós uma falsa “segurança”, acabando por destruir a força vital que nos impulsionaria ao encontro com a totalidade anímica.

É, no fundo, o que sucede aos dois filhos mais velhos de um pobre camponês cujo irmão, rico e avaro, pretende usufruir dos trabalhos dos três sobrinhos, lançando-lhes um desafio: aquele, dentre os três, que mais facilmente se deixasse dominar por um estado colérico (algo bem fácil, já que os submetia a duras humilhações), seria despedido. Se fosse o tio a encolerizar-se (impossível, do seu ponto de vista, porque se presumia arguto e esperto demais), perderia, a favor do sobrinho que a tal o conduzisse, toda a sua fortuna.

*La Colère*¹⁷ desenvolve assim o “leitmotif” do controle emocional, melhor dizendo, a necessidade de não sucumbir ao contágio de certas forças obscuras, ao contágio com o mal. Avarentos, calculistas e cruéis (*duplos* do tio e *sombras* de cada um de nós), os dois sobrinhos mais velhos pregam partidas, conservam o seu ódio de reserva, entram inconscientemente no jogo e são contaminados pelo mal. Em vez de combaterem directamente as suas emoções e impulsos instintivos (analisando-os, desmontando os seus mecanismos, tirando-lhes assim muitas das potencialidades negativas), põem-nos atrás das costas, evitam enfrentar o problema da cólera que, afinal, está no interior deles próprios, tornando-se perfeitamente vulneráveis aos seus efeitos.

Só o mais novo dos três irmãos não se deixa levar por actos desonestos nem sequer contaminar pela manha e cólera do tio: e é porque se mantém à parte das forças obscuras e dos cálculos

astuciosos, que as coisas se resolvem por si mesmas. É, no final, por permanecer inocente e honesto, íntegro e sereno, que o irmão mais novo escapa à “maldição” já que a lei da vida acaba sempre por premiar a integridade fundamental da personalidade¹⁸.

Crescer e individualizar-se¹⁹ implicam pois que o indivíduo permaneça fiel à sua consciência, não rejeite os embates com a *sombra* em nome de uma falsa segurança que não raras vezes o castra e impede de se lançar no desconhecido. Não é essa, afinal, a dimensão do herói de qualquer conto? Carl Gustav Jung di-lo-á de forma enfática no seu livro *Símbolos da Transformação*.

“O espírito do mal é o medo, a negação ..., ele é o espírito da regressão que nos ameaça manter cativos da mãe [leia-se, da mãe negativa, do infantilismo, do narcisismo...] dissolvendo-nos e extinguindo-nos no inconsciente... Para o herói, o medo é um desafio e uma incumbência, porque só a audácia pode libertar do medo. E, se o risco não for enfrentado, o significado da vida será de alguma maneira violado, e todo o futuro estará condenado a um imobilismo sem esperanças, a uma cinza estéril cuja única fonte de luz serão os fogo-fátuos²⁰.

A *sombra*²¹ é pois a porta para a individualidade de cada um de nós: na medida em que nos oferece um vislumbre da parte inconsciente da nossa personalidade, ela representa o primeiro estágio em direcção ao encontro do “Si-mesmo”. Na verdade, e os contos redizem-no sem cessar, não há acesso algum ao inconsciente e ao nosso próprio centro²² senão através da *sombra*. Só quando nos apercebemos daquele lado que em nós até então não vimos ou preferimos não ver, é que estamos aptos a questionar e encontrar as fontes que o alimentam e em que alicerces repousa. Cada *lenda*, cada *mito*, cada *conto de fadas*, cada *sonho* nos diz que, até que a parte da sombra em nós seja adequadamente confrontada, nunca poderemos usufruir de nenhum progresso nem de nenhum crescimento anímico. E, na realidade, só depois de termos ficado realmente chocados ao ver como somos de verdade, em vez de nos imaginarmos como queremos ou pretendemos ser, é que podemos dar o primeiro passo rumo à individualidade.

Sempre que colocamos uma parte de nós na sacola, essa parte regride, retrocede ao barbarismo da sexualidade perversa, da impulsividade, da raiva e do egoísmo, dos impulsos egocêntricos e des-

trutivos. Jung dizia sabiamente que **“Aquilo que não fazemos aflorar à consciência surge nas nossas vidas como destino”**. E que destino!

É que cada porção do nosso ser que não amamos acaba por se tornar hostil, exercendo sobre cada um o seu domínio compulsivo. “A comprida sacola que arrastamos atrás de nós”, na expressão eloquente do poeta Robert Bly, o “inferno da lama” nas palavras clarividentes de Hermann Hesse, surge tantas vezes na literatura sob a forma de homem marginal que é, afinal, o anti-herói que cada herói carrega no início da jornada iniciática (e quase até ao fim, quantas vezes!), num ciclo contínuo de crucifixão-morte-renascimento, representando o alter-ego infantil e narcisista que furtivamente manobra para “satisfazer” as suas vontades, bem por baixo do nariz de um arrogante superego, enfraquecendo assim todas as “démarches” do eu para conseguir um certo equilíbrio que, embora precário, seria o primeiro passo para um questionamento honesto e salutar.

O “Si-mesmo”, infelizmente, acaba por ficar escondido na *sombra*; ela é a guardiã dos portais, a sentinela à entrada. O caminho para a totalidade do ser é através dela. Por detrás do aspecto escuro que ela representa está o aspecto da individualização e é só ao fazermos amizade com a sombra que ganhamos a amizade do “Si”. Em termos junguianos, cada um de nós é responsável pelo seu próprio “processo de individuação”. E este é não só o impulso natural e inerente ao nosso íntimo para que nos tornemos quem somos destinados a ser, mas também o imperativo moral da dimensão consciente para cooperar em e promover os desígnios da natureza por meio das particularidades de cada pessoa. Mas lidar com a *sombra* (que é, em última análise, lidar com o arquétipo do mal) é uma experiência tão dolorosa que a maior parte das vezes preferimos permanecer inconscientes, esquecendo e ocultando a visão magnífica que poderíamos ter da capacidade humana para a consciência. Disso nos fala um belo conto reproduzido por Henri Gougaud em *L’arbre aux trésors*²³ intitulado “*La partie d’échecs*”.

Descrevendo-o sucintamente, evocaremos apenas o encontro entre um guerreiro, cansado de batalhas e vitórias ilusórias, e um eremita reputado pela sua bondade e sabedoria. Cansado das suas “méchancetés terrestres”, o guerreiro deseja, dirigindo-se ao eremita, “ce savoir qui illumine votre visage et qui rend belle la vie”.

Aconselhado a meditar, a ver para além das aparências, a não se deter nas superficialidades, a dominar as suas emoções e a ser senhor dos seus pensamentos, o homem da guerra perde-se durante anos nos labirintos da sua alma: reconhece-se ávido, incapaz de qualquer gesto de amor, tanto em relação aos outros como em relação a si próprio. Novos conselhos lhe são dados: como dominar os excessos dos sentidos, como atingir a equanimidade, como saborear a vida, em paz. Tudo em vão. Até que o ermita lhe propõe um jogo: o jogo de xadrez. Aquele que vencer poderá e deverá perecer às mãos do outro. O simbolismo das pedras pretas e brancas, representando as forças antagónicas que fervilham na alma de cada ser humano, transforma o tabuleiro no palco da vida em que se degladiam luz e sombra, bem e mal, instintos verticais e outros ainda destrutivos que necessitam do tempo da espera que é, afinal e também, o da purificação.

Por isso já no fim, observando em si mesmo todo um ritual de renovação pelo qual a personalidade sombria pôde ser percebida e assimilada, tendo reduzido assim os seus potenciais inibidores e destrutivos, podendo enfim libertar em si a energia vital positiva que tinha estado aprisionada, é que o guerreiro, finalmente consciente da sua escuridão (desperto para desejos nunca outrora reconhecidos e enfrentando porções reprimidas da sua personalidade), é que o guerreiro, dizíamos, adquire – porque, embora quase a vencer, ao enfrentar a inutilidade da morte do adversário, abdica do seu sucesso – a profundidade espiritual que lhe abre o caminho da salvação:

“Alors l’ermite renversa l’échiquier dans l’herbe, d’un geste négligent.

– Il faut vaincre d’abord la peur. Ensuite peut venir l’amour, dit-il. As-tu compris?

Le guerrier, enfin délivré, éclata de rire. Il savait maintenant comment goûter pleinement la vie”²⁴.

É porque tememos, durante quase toda a nossa vida, o confronto com a *sombra* (como vemos, no altruísta sensível de cremos ser, um egoísta cruel que quer em tudo ter a última palavra? Como descortinar, por detrás da sombra de um “bravo guerreiro”, o “eu” cobarde que camufla, na violência, a nobreza de uma magnanimidade que não tem sabido verticalizar? Como confessar que o “stress” de uma vida trepidante mais não faz que disfarçar o vazio existencial que nos

confrontaria, em responsabilidade, com o próprio “eu” inferior?) que multiplicamos *ad nauseam*, as múltiplas maneiras de a ela reagir. Ou pura e simplesmente nos recusamos a enfrentá-la, quantas vezes projectando nos outros a negatividade que nos contém – “Tu é que estás errado!; “Que reles! Eu nunca faria tal coisa!” – ou então, quando conscientes de que ela faz parte de nós, tentamos irradicá-la de imediato, esquecendo que, porque representa padrões de sentimento e de comportamento autónomos, a sua energia não pode simplesmente ser negada por um acto de vontade. Torna-se necessária uma recanalização ou transformação, como no caso do guerreiro do referido *Jeu d'échecs* e tal desafio exige, antes de mais, a percepção e a aceitação do nosso lado sombrio que não pode ser simplesmente eliminado. Paciência, prudência, perseverança, humildade, necessidade de aceitar os nossos próprios limites não queimando etapas e muito menos fugindo a uma disciplina interior que nada tem a ver com a repressão mas que exige antes a capacidade (e o esforço heróico!) de agirmos, sempre que a consciência assim o exigir, de modo contrário àquilo que ditam as nossas pulsões negativas e as nossas emoções primárias.

Ou ainda nos recusamos a assumir a responsabilidade da nossa própria *sombra* e deixámo-la livre para que aja como quiser: a madrasta de um conto francês da região de Gascogne intitulado “*La fiancée substituée*”²⁵ dá corpo a impulsos emocionais tão carregados de energia negativa que acaba por se auto-destruir depois de muita dor provocar à sua volta.

Como aprendemos nos contos, o segredo está em optar por “sofrer” o lado sombrio de um modo construtivo, encarando-o como um lado da nossa personalidade que devemos reconhecer e nunca suprimir, pois só assim a *sombra* nos poderá levar a uma saudável e fecunda humildade e humanidade, podendo só então ser fonte de renovação e regeneração. Como dizia Jung em 1945: **“Uma pessoa não se torna iluminada ao imaginar formas luminosas mas sim ao tornar consciente a escuridão”**.

E no *IV Soneto a Orfeu*, Rilke empresta a voz poética à cisão interna do ser, celebrando, paralelamente com o valor heurístico da dor e do sofrimento, o risco de uma vulnerabilidade que acolhe as ambiguidades do indivíduo que vai ao encontro da *sombra* porque nela intui a antecâmara que conduz à Consciência e à Liberdade. Ao mistério da Vida em plenitude:

“Você foi escolhido, você que é são e íntegro...
Não tenha medo de sofrer, de dar
o seu peso de volta ao peso da terra;
as montanhas são pesadas, os mares são pesados.
Até mesmo as árvores que vocês plantaram na infância
Se tornaram muito pesadas há muito tempo
- hoje você não as poderia carregar.
Mas pode carregar os ventos e os espaços abertos”²⁶.

Notes

- ¹ No capítulo 10 do seu livro *A busca do Símbolo. Conceitos básicos de psicologia analítica*, Edward C. Whitmont afirma: "O termo refere-se à personalidade que foi reprimida em benefício do ego ideal. Como tudo o que é inconsciente é projectado, encontramos a *sombra* na projecção – na nossa visão de outra "pessoa". Como figura dos sonhos e fantasias, a *sombra* representa o inconsciente pessoal. Ela é como uma combinação das cascas pessoais dos nossos complexos e, portanto, o limiar de todas as experiências transpessoais." São Paulo, Cultrix, 1995, p. 144.
- ² Cf. "La Belle au bois dormant" in Perrault, Charles – *Contes*. Ed. de Jean-Pierre Collinet. Paris, Folio/Classique, 1981, pp. 129-140.
- ³ "(...) Hoje acreditamos nos direitos humanos mas, em larga medida, ainda limitamos a sua definição a padrões biológicos, sociais, políticos. Em grande parte, não temos consciência das suas implicações psicológicas, e ainda damos pouco valor às necessidades afectivas. Em nome de uma conformidade social do ideal masculino de bravura, ainda reprimimos as nossas crianças e as ensinamos a reprimir as suas dimensões femininas subjectivas, os seus afectos, sentimentos e necessidades. É assim que a nossa cultura (...) reprime, em lugar de integrar com sensibilidade o âmbito da Deusa, ao qual pertencem o nascimento, a morte, as oscilações interiores, os estados de humor, de ânimo, as emoções. Além disso, reprime o lado dionisiaco, do qual fazem parte o desejo, a agressão, a alegria e a destruição. Disso resulta uma generalizada sensação de despersonalização, frustração, ressentimento, ódio, incapacidade de amar e insensibilidade para com a condição humana, nossa ou dos outros. A inveja, a cobiça e a hostilidade destrutiva dominam cada vez mais. Ainda não confrontamos o paradoxo entre a necessidade de uma autenticidade pessoal e as exigências de uma ética social.": "Desejo, violência e agressão" in Whitmont, Edward C. – *O Retorno da Deusa*. S. Paulo, Summus Editorial, 1998, pp. 29-45. A citação é da p. 30.
- ⁴ Citado por Hollis, James no seu livro *Rastreado os deuses. O lugar do mito na vida moderna*. S. Paulo, Ed. Paulus, 1997, p. 210.
- ⁵ Cf. "Le Petit Chaperon Rouge" in Perrault, Charles – *Contes*. Ed. de Jean-Pierre Collinet. Paris, Folio/Classique, 1981, pp. 141-145.

- ⁶ “Jean l’Or” in Gougaud, Henri – *L’arbre à soleils. Légendes* Paris, Ed. du Seuil, 1979, pp. 264-267.
- ⁷ Cf. entre outros, dois livros fundamentais para compreender toda a complexidade do “Si-mesmo”: um, organizado por Downing, Christine – *Espelhos do Self. As imagens arquetípicas que moldam a sua vida*. S. Paulo, Ed. Cultrix, 1998 e um outro, da mesma editora mas escrito por Lowen, Alexander – *Narcisismo. Negação do verdadeiro Self*, datado de 1993.
- ⁸ Cf. o nosso artigo inserido na nº 9 da *Revista Intercâmbio*, publicada pelo Instituto de Estudos Franceses da Universidade do Porto intitulado “Os contos de fadas e os valores do Eterno feminino: algumas reflexões”. Porto, Fundação Eng. António de Almeida, 1998, pp. 213-258.
- ⁹ Cf. o “Essai d’exploration de l’inconscient” (pp. 18-103) da autoria de C. G. Jung e “Le processus d’individuation” (pp. 158-229) de Marie-Louise Von Franz, inseridos no belo livro *L’Homme et ses Symboles*. Conçu & réalisé par C. G. Jung. Paris, Robert Laffont, 1964.
- ¹⁰ in Simonsen, Michèle – *Le Conte Populaire*. Paris, Puf, 1984, pp. 95-98.
- ¹¹ Cf. o artigo sobre o “Double” no *Dictionnaire des mythes littéraires* (sous la direction de Pierre Brunel). Paris, Ed. du Rocher – J. P. Bertrand Ed., 1988, pp. 487-526.
- ¹² in Simonsen, Michèle – *Le Conte Populaire*. Paris, Puf, 1984, pp.111-115.
- ¹³ Segundo a psicologia junguiana, o termo “persona” (do latim, onde representava as máscaras dos actores que eram utilizadas durante os rituais solenes da antiguidade) serve para designar as expressões do impulso arquetípico que permitem a adaptação à realidade exterior e à colectividade. As “personas” são pois os papéis que desempenhamos no palco da vida, as máscaras que endossamos e que permitem confundir a individualidade com o papel social. Acabamos por não possuir princípios éticos ou sentimentos pessoais e valores próprios mas, pelo contrário, assumimos os contornos da moralidade colectiva e dos usos estabelecidos. Tornámo-nos esteriótipos porque vendemos, como Fausto, a alma ao diabo, identificado com padrões e expectativas externas e colectivas.
- ¹⁴ “Le serpent au diamant” in Gougaud, Henri – *L’arbo à soleils. Lé-*

gendes. Paris, Ed. du Seuil, 1979, pp.271-273. A citação é da p. 273.

¹⁵ Por ser contrário à atitude consciente que escolhermos, não permitimos, hipocritamente, que a *sombra* se exprima na nossa vida. E é porque permanece oculta no inconsciente que ela se torna capaz de gerar a identificação unilateral que fazemos com aquilo que é aceitável para a nossa mente consciente. Alexander Solzhenitsyn disse um dia: “Ah! se fosse assim tão simples! Se houvesse pessoas más num lugar, a cometer insidiosamente más acções e se nos bastasse separá-las do resto de nós e destruí-las... Mas a linha que divide o bem do mal atravessa o coração de todo o ser humano. E quem se disporia a destruir uma parte do seu próprio coração?” (citado como uma das epígrafes do livro organizado por Zweig, Connie e Abrams, Jeremiah intitulado *Ao encontro da Sombra. O Potencial oculto do lado escuro da natureza humana*. São Paulo, Ed. Cultrix, 1999). Da *sombra colectiva* nos ocuparemos noutra artigo. Neste reflectimos sobre a nossa *sombra pessoal*. Que, aliás, alimenta e é alimentada pela colectiva.

¹⁶ in Von Franz, Marie-Louise – *L’Interprétation des contes de fées suivi de L’ombre et le mal dans les contes de fées*. Paris, Ed. Albin Michel, 1995, pp. 142-145.

¹⁷ *ibidem*, pp. 507-510.

¹⁸ O filho mais novo é do tipo “simplório”, personagem que é herói de um grande número de contos. Por exemplo, um rei tem três filhos, sendo o mais novo um ingénuo de que todos troçam: é no entanto ele que vence as provas, permanece alheio aos juízos maliciosos e assim sucede ao pai no trono. Ou é ainda um camponês que tem três filhos; dois são normais mas o terceiro só sabe ficar junto à lareira todo o dia e, no entanto, é ele que se torna o herói, desposa a princesa e torna-se rei.

O “simplório” é assim uma figura arquetípica, um tema mitológico geral que simboliza a integridade fundamental da personalidade. Ora tal integridade é bem mais importante – como se vê nas narrativas tradicionais – do que as combinações de um intelecto hábil e ela é absolutamente necessária para não se ser vítima do mal. Se esta rectidão moral estiver em falta, o indivíduo torna-se vulnerável. Mas importa sublinhar que tal simplicidade de espírito nada tem a ver com parvoíce ou com unilateralidade, é a simplicidade do ser,

daquele que não está dividido contra si próprio. A pureza de intenção, pois.

- ¹⁹ Sobre o “processo de individuação” ver sobretudo o artigo de De-Bus, David no livro organizado por Downing, Christine – *Espelhos do Self. As imagens arquetípicas que moldam a sua vida*. S. Paulo, Ed. Cultrix, 1998, intitulado: “O Si-mesmo é um alvo móvel: o arquétipo da individuação” (pp. 64-78), para além do célebre artigo de Von Franz, Marie-Louise – “Le processus d’individuation” (pp. 158-229) inserido no livro já referido *L’Homme et ses symboles*. Conçu & réalisé par C. Gustav Jung. Paris, Ed. Robert Laffont, 1964.
- ²⁰ Citado por Hollis, James no seu livro *Rastreado os deuses. O lugar do mito na vida moderna*. São Paulo, Ed. Paulus, Col. “Amor e Psique”, 1998, p.108.
- ²¹ O falecido psicólogo R. D. Laing descreveu de forma poética o reflexo da negação na nossa mente:
“O alcance do que pensamos e fazemos
é limitado pelo que deixamos de notar.
E por deixarmos de notar que deixamos de notar
pouco podemos fazer para mudar, até que notemos
como o deixar de notar
forma os nossos pensamentos e acções”
- ²² Remetemos para um artigo a ser publicado na *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto* (Série Línguas e Literaturas Modernas) intitulado “O Simbolismo do centro nas narrativas maravilhosas: notas introdutórias”, da nossa autoria.
- ²³ in Gougaud, Henri – *L’arbre aux trésors. Légendes* Paris, Ed. du Seuil, 1987, pp.183-185.
- ²⁴ *ibidem*, p.185.
- ²⁵ in Simonsen, Michèle – *Le Conte populaire*. Paris, Puf, pp.132-135.
- ²⁶ Citado por Hollis, James – *Rastreado os deuses. O lugar do mito na vida moderna*. S. Paulo, Ed. Paulus, 1998; p. 111. Hollis dirá de um modo bem esclarecedor: “O máximo que temos a oferecer diante das grandes forças regressivas dentro de nós e ao nosso redor é a nossa disposição de empreender a jornada. A consciência que temos da dualidade e do conflito é dolorosa, mas escolher o caminho da própria individuação é a única escolha adulta. (...) Essa é uma escolha que não se faz só uma vez e pronto. Cada dia pede uma renovação da mesma, diante dos demónios do medo, da letargia e da dúvida.” (p. 162)